

# De portas abertas para o mundo



O checo Jan Honzán, o alemão Lukas Brandt, o argentino Pablo Ezequiel, o mexicano Sérgio Salas, o italiano Lucas D'Acci e a dinamarquesa Stina Helweg (esquerda para a direita); todos estudantes estrangeiros da Unicamp

## USP, Unesp e Unicamp investem em intercâmbio e põem metas para ampliar número de estrangeiros

ISIS BRUM  
isis.brum@grupoestado.com.br

De braços abertos para estudantes estrangeiros, Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) contam com uma presença cada vez maior de alunos do exterior nos cursos de graduação e agora fixam metas para estimular esse tipo de intercâmbio.

As três universidades estaduais paulistas apoiam programas de ampliação da mobilidade entre graduandos e, em alguns casos, também pós-graduandos baseadas na ideia de que o interesse externo por suas cadeiras ajuda a aumentar a credibilidade junto à comunidade científica internacional. Além disso, acreditam também que o fluxo de estrangeiros atrai investimentos e parcerias para pesquisas em áreas consideradas "chave" para o desenvolvimento acadêmico, como saúde e novas tecnologias, por exemplo. Na opinião dos coordenadores de Relações Internacionais (RI) das universidades – os professores Adnei Melges Andrade (USP), Leandro Tessler (Unicamp) e José Celso Freire Júnior (Unesp) – o aluno de graduação precisa se formar para além das fronteiras nacionais. A troca de experiências e culturas, sugerem eles, não apenas agrega conhecimento, como ajuda a identificar hábitos de consumo que as empresas brasileiras pretendem focar futuramente.

Hoje, quase 2 mil (cerca de 2%) dos quase 80 mil estudantes de graduação da USP fazem parte de sua formação no exterior. A meta da universidade é quadruplicar o número até 2015, aproximando-se de 8 mil alunos estudando fora do País. Ao mesmo tempo, a "importação" de estrangeiros seguirá o mesmo ritmo.

Para isso, em um ano e meio a dois, a USP espera iniciar as operações de um centro de difusão internacional na Cidade Universitária – um prédio novo deve ser ergui-

### IMPORTAÇÃO

# 200

### ESTRANGEIROS

Matricularam-se em cursos de graduação – de Engenharia à Música – na Unicamp neste semestre

do perto da Faculdade de Economia e Administração.

O prédio irá abrigar o escritório de RI da USP e servirá de ponto de acolhida para os estrangeiros recém-chegados. Terá salas para cursos de idiomas e um auditório para eventos internacionais. Os custos serão definidos após o projeto ser concluído, informa a USP.

Outra medida prevista na maior universidade pública do País é a compra de um edifício para alojar exclusivamente estudantes e professores visitantes.

### Unicamp e Unesp

A Unicamp também quer expandir o intercâmbio. Anualmente, envia cerca de 1,7 mil graduandos para estudar fora, ou 10% dos seus alunos de graduação. Até 2013, a ideia da instituição campineira é ampliar em 30% o total de vagas da graduação preenchidas por estrangeiros – em geral, a quantidade de estudantes que sai para estudar no exterior é a mesma que a universidade pode acolher.

Para a ampliação, a Unicamp definiu como prioridade solucionar questões como a implementação de cursos bilíngues (português e inglês, ao menos) e a moradia estudantil, pois as imobilidades exigem comprovantes que os estrangeiros não dispõem.

A Unesp, que tem 34,5 mil alunos em cursos de graduação, quer aumentar de 10% para 20% a mobilidade acadêmica, nome que dá para a internacionalização. No curto prazo, a ideia é dobrar o número de bolsistas de graduação com experiência no exterior, passando de 400 para 800 ao ano. ::



### Lukas Brandt

Alemanha

"Conhecia a Guatemala e queria voltar para a América Latina. Vi que minha universidade tinha convênio com a Unicamp e decidi vir estudar Engenharia Civil"



### Stina Jensen

Dinamarca

"Fiz uma viagem pelo Nordeste, Minas e Paraná. Tive a certeza de que era aqui, no Brasil, que gostaria de morar e de estudar a música popular, em especial, coco e maracatu"



### Jan Tilinger

República Checa

"Trabalho com construção sustentável, usando materiais alternativos das comunidades locais. Mas, no Brasil, arquiteto é aquele que constrói só com concreto"

### INTERCÂMBIO

➤ USP: 80 mil alunos de graduação, sendo 2% de intercambistas. Meta é chegar a 10% até 2015

➤ Unesp: 34,5 mil graduandos. Atualmente, são 400 bolsistas. Meta é dobrar a curto prazo e passar a 20% do total até 2020

➤ Unicamp: 16,7 mil graduandos, sendo 10% intercambistas. Meta é elevar para 30% até 2013

## Plano é atrair investimentos e ampliar projetos

Os coordenadores de Relações Internacionais das universidades estaduais paulistas estão otimistas quanto ao rumo de suas instituições. Para Leandro Tessler, da Unicamp, a internacionalização é como "um caminho sem volta". "O mundo está globalizado".

As propostas curriculares para a graduação, de acordo com ele, é proporcionar aos estudantes "uma visão ampla porque em ciência nada é feito por uma só pessoa".

"A pesquisa, hoje, já é globalizada. Para validar um estudo, o cientista está sujeito às avaliações de seus pares internacionais", diz Tessler.

"Se a universidade não tiver criado sua própria identidade, não será esse projeto que irá tirar o que ela nunca teve", opina José Celso Freire Júnior, o coordenador de Relações Internacionais da Unesp. "Ciência não prejudica ninguém. E só é possível fazer ciência com cooperação", completa ele.

"Os alunos aperfeiçoam uma língua, têm outra visão de ensino e recebem conteúdos culturais e valores de países cujos mercados o Brasil quer atingir", afirma Adnei Melges Andrade, da USP. "Poderíamos fazer algo desse tipo em locais isolados, como na Amazônia", sonha Tilinger. :: LB.

## O que eles querem estudar aqui

● Vinculada à Universidade de Copenhague, a dinamarquesa Stina Helweg-Jensen, de 20 anos, está entre os quase 200 estudantes estrangeiros recebidos pela Unicamp apenas neste semestre. Aluna da graduação, ela diz ter atravessado o Atlântico para estudar a música popular brasileira.

Stina topa nos vocábulos da língua portuguesa, mas não vacila quando o assunto é percussão. "Gosto do coco, do maracatu, dos ritmos tradicionais com influência africana", afirma. "Fiz uma viagem pelo Nordeste, Minas e Paraná. Tive a certeza de que era aqui (no Brasil) que gostaria de morar e estudar música", diz.

O mexicano Sergio de Leo Salas, que estuda Psicologia Social, interessou-se pelo País lendo obras do educador Paulo Freire. Daí para aprender português e se mudar foi um passo. "O Brasil exerce um papel importante para a América Latina. Todos temos uma visão muito positiva de vocês", diz.

### Latinos são atraídos por ensino e papel relevante do Brasil na política externa da região

Para o argentino Pablo Ezequiel Alustiza, natural de Santa Fé, as rixas com seu país não vão além do futebol. A importância econômica, política, territorial e cultural brasileira é, na opinião dele, reconhecida pelos vizinhos. Estudante de Economia, esses foram alguns dos motivos que o estimularam a cursar parte de sua graduação na Unicamp. No caso do alemão Lukas Brandt, os ventos que o trouxeram vieram do interesse pela América Latina. Ele já conhecia a Guatemala e, entre os convênios que sua universidade – a Technische Universität Darmstadt – oferecia, optou pela Unicamp.

"As grades são bastante diferentes", compara Brandt. Ele faz graduação e mestrado em Engenharia Civil. Diz que os estudos mais "avançados" começam agora, com as aulas da pós-graduação. "Até agora", confessa, "estudei assuntos de interesse pessoal".

### Pós-doutorandos

O mundo dos estrangeiros nas universidades brasileiras extrapolou a graduação. O italiano Luca D'Acci e o checo Jan Honza Tilinger receberam bolsa de pós-doutorado em seus países para estudar na universidade campineira.

Arquiteto, o checo Jan Honza Tilinger veio pesquisar o uso de material alternativo para a construção de escolas e moradias em comunidades carentes. Atualmente, desenvolve um projeto na porção indiana da Cordilheira do Himalaia, na Ásia. Ele partilha a experiência com seus colegas brasileiros e absorve soluções criativas para aplicar em projetos futuros. "Poderíamos fazer algo desse tipo em locais isolados, como na Amazônia", sonha Tilinger. :: LB.